



***Lumen Gentium* e a nova consciência da Igreja. Perspectivas e esperanças**

Geraldo Lopes

Resumo: O artigo apresenta a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG), um dos mais importantes textos do Concílio Vaticano II, que reviu a natureza e a constituição da Igreja católica, não só como instituição, mas também como Corpo místico de Cristo. O autor desdobra a reflexão em três tópicos: a LG e a nova consciência da Igreja; as Perspectivas que abriu; as Esperanças suscitadas.

Palavras-chaves: *Lumen Gentium*; Concílio Vaticano II; Igreja católica; Corpo místico de Cristo; Povo de Deus

Introdução

Agradeço, de coração, o convite que me foi feito. Participar destes dias de estudo é sempre enriquecedor. Meu agradecimento vem unido à recordação. É muito bom rever lugares em que se viveu por espaço significativo da existência. Nesta casa, vivi um terço de minha vida. Aqui experimentei momentos muito felizes, e deles me recordo muito bem. Os momentos tristes, que não foram poucos, deixo-os no “mais íntimo do meu íntimo”. Com efeito, a vida não tem porquê. Estes nos atrelam ao passado e não nos deixam progredir. A vida tem “para quê”... Isto é, respostas a desafios. Eles aparecem a cada hora e exigem respostas prontas e pontuais e nos fazem sempre crescer.

1. UM TEMA ESPECÍFICO E SEUS DESDOBRAMENTOS

O título do tema que me foi proposto é *Lumen Gentium* e a nova consciência da Igreja. *Perspectivas e esperanças*. Se desdobramos esse título, vamos encontrar três tópicos bem escalonados: 1º - LG e a nova consciência da Igreja; 2º - Perspectivas; 3º - Esperanças. A exemplo das *expla-*

nationes dos Padres da Igreja, vou procurar abordá-los num todo, sem as subdivisões que se fazem clássicas no “lugar seminarístico” no qual nos encontramos.

Sei que vocês já vivenciaram a lembrança do que foi o Concílio na conferência de Dom José Maria Pires, testemunha viva daquele acontecimento. Certamente Dom José mostrou a vocês a riqueza que o Espírito concedeu à Igreja nos quatro períodos conciliares, de 1962 a 1965. Jovem bispo, Dom José embebeu-se do espírito conciliar. Na idade profética de seus 92 anos, terá legado a vocês um pouco daquele profetismo que dinamizou todo o seu pastoreio.

2. O TEMPO DA REALIZAÇÃO DO CONCÍLIO: OS ANOS 1960

Os anos 1960 foram de uma riqueza inigualável para a humanidade. Os homens e as mulheres daquele tempo deixaram-se “embebedar” pela *hybris* científica e pela força que ela parecia conceder. Começaram, àquela época, a se voltarem mais para a conquista da terra do que para o reino de Deus. À secularização, processo positivo a reconhecer a autonomia das realidades terrenas e assumido pelo Concílio na *Gaudium et Spes*, segue-se um secularismo orgulhoso, tornando habitual o esquecimento de Deus. Os humanos querem a liberdade a todo custo, num processo que os desumaniza e destrói. O laicismo que então se origina se transforma em norma sapientíssima para ordenar a sociedade humana. As religiões, reveladas ou não, transformam-se em panaceias para todos os males e numa pujante fonte de riquezas.

O Concílio, fiel à tradição bíblica-patristica apregoou-o alto e bom som: Deus existe. Está vivo. É pessoal. Providente. Dotado de infinita bondade e misericórdia. É o criador de todas as coisas. Quando o ser humano fixa em Deus a sua mente e o seu coração, está realizando o ato maior, mais perfeito e expressivo de toda a sua vida. Ainda hoje tal ato pode hierarquizar a imensa galeria das atividades humanas.

Na mente de João XXIII, o Concílio foi pensado, convocado e realizado, para que a Igreja entrasse no íntimo de si própria. Ela era convidada a encontrar em si a palavra viva de Cristo. Esta palavra que vive e opera no Espírito Santo. Sondando o seu mistério ela redescobriria, uma vez mais, o desígnio e a presença de Deus. Este encontro reavivaria na Igreja o fogo da fé, segredo da sua segurança e da sua sabedoria. Isto fazendo, voltaria a cantar sem descanso os louvores de Deus.

3. TRÊS PALAVRAS CHAVES

O troço para quem faz uma apresentação de documentos que já se supõem conhecidos, e após 50 anos, é obrigação de ofício conhecê-los, é a repetição. Se *repetita juvant*, as repetições podem também enfatiar... A *Lumen Gentium* está em sua plena maturidade de 48 anos. Essa idade no ser humano costuma ser de plenitude. Num documento, pode parecer velhice. Contudo, se tratando

de um documento “dogmático” não se fala de vetustez. Fala-se de amplitude de conhecimento e de colheita de riquezas.

Procurando obviar as repetições, o que será humanamente impossível, vamos basear esta apresentação em três palavras: *luz*, *serviço* e *salvação*. Outros vocábulos poderiam ser escolhidos e, quiçá, produzindo os mesmos e até melhores efeitos. Esses três me vieram à mente num *insight* significativo. Voltava do Rio para Tatuí e pensava como detalhar minha palestra. As palavras surgiram nessa ordem de pensamento. Rascunhei-as um pedaço de papel e comecei a juntar os conceitos ao seu redor.

A publicação da *Lumen Gentium* em 29 de novembro 1965 já manifesta uma Igreja com uma nova consciência do seu ser e do seu agir. Espero que a apresentação a seguir manifeste este dado.

3.1. LUZ

Luz é um conceito amplo. Está ligado a fogo, claridade, calor, vida, bem como morte e destruição. Humana e socialmente falando, é um elemento de energia primordial. Num mundo em busca de fontes alternativas de energia, esta palavra é de suprema atualidade. Não vamos nos estender neste tema, pois daria para escrever livros e teses. Pequeninha e cintilante, fria ou quente, imensa e produzindo temperaturas altíssimas, a luz é o momento fundamental da vida. Um ser começa a ser outro quando vê, com seus próprios olhos, a luz. Em uma, duas ou três dimensões, a luz é a fonte de todas as curiosidades dos seres vivos.

A luz foi o primeiro ato do momento criacional. “No princípio, Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia. As trevas cobriam o abismo e um vento impetuoso soprava sobre as águas. Deus disse: «que exista a luz!» E a luz começou a existir” (Gn 1,1-3). Este texto faz a delícia dos biblistas, exegetas, teólogos, místicos... “E a luz começou a existir”. A luz foi princípio de todas as soluções que Deus queria trazer ao mundo.

O tema da luz costura todas as páginas da Bíblia. Se o Espírito Santo é a “divina luz” e é Ele o autor da Bíblia, podemos dizer que a Palavra de Deus é a luz a iluminar todas as pessoas que vêm a este mundo.

Não é aqui o caso de fazer um estudo bíblico sobre o tema da luz. Aceno a alguns textos, não precisando as passagens, uma vez que são sobejamente conhecidas. Quando o povo deixava a escravidão, Deus como luz, iluminava a sua caminhada, formando uma nuvem de fumaça a impedir que o perseguidor o seguisse. Quando, gemendo no cativeiro, o profeta Isaías entoava radiante: “o povo que andava nas trevas, viu uma grande luz”. Entre as missões que Israel recebeu de Deus está a de ser “sinal elevado no meio das nações, sendo luz”.

Em o Novo Testamento, o tema da luz é mais precioso ainda. O anúncio do nascimento de Jesus aos pastores é obra de uma luz que os ilumina. A manifestação do Senhor aos gentios,

os magos, é obra da luz. Em forma de estrela que aparece e se esconde, ela conduz os Magos até à manjedoura, onde jazia o Salvador que eles adoraram. Esta luz que ilumina os pastores e os magos é a vida; segundo São João: “Nele esta a vida, e a vida é a luz dos homens”. O tema da luz vai acompanhando o Novo Testamento até concluí-lo da forma majestosa. O dia da Ressurreição é o dia da luz. A noite pascal é “a noite mais clara que o dia”. A Jerusalém celeste é iluminada pelo Cordeiro. Ninguém mais precisará de outra luz. Jesus é o rebento de Davi, a brilhante estrela da manhã.

O tema da luz acompanha a Igreja da Patrística. Os cristãos são chamados de iluminados – os *fotismoí*. Os melhores escritos dos Padres são as catequese dirigidas *ad illuminandos*, aos que iam receber a luz.

Lumen Gentium: a palavra luz - *lumen* - abre a Constituição sobre a Igreja. A luz torna-se aqui um mistério: o mistério da Igreja, enquanto sacramento da Trindade e sacramento da comunhão dos seres humanos como povo de Deus.

3.1.1. SACRAMENTO DA TRINDADE

O primeiro capítulo aborda a Igreja como mistério. Ela é sacramento de Cristo. Realiza a vontade salvífica do Pai na missão e obra do Filho, seu fundamento primeiro e último. É vivificada e santificada pelo Espírito. Torna-se na terra a semente do Reino que vai se realizando em figuras que constituem o Corpo Místico de Cristo. Como mistério a Igreja é uma sociedade ao mesmo tempo visível e espiritual. Vamos realçar aqui:

- a majestade do exórdio de LG 1: “A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cf Mc 16,15)”;
- a Igreja como mistério da aliança iniciada no Antigo Testamento, realizada na morte-resurreição-efusão do Espírito e a ser concluída na glória no final dos tempos;
- a Igreja é o lugar, o espaço e a comunidade para encontra o Pai, em Cristo pela santificação do Espírito;
- preparada desde a criação do mundo, a Igreja é, em Cristo, a semente do Reino definitivo. Pela ação dos sacramentos, o Espírito constrói a unidade que o Pai preparou para o gênero humano. Dela a Igreja se faz sinal elevado em meio às nações;
- a Igreja como um todo é criatura da Trindade: o Espírito consuma a obra do Filho e faz com que os seres humanos tenham acesso ao Pai.
- o Espírito, fonte de vida, o Pai santifica e vivifica a Igreja, habitando no coração dos fiéis, dando neles testemunho da adoção filial.

- ademais, o Espírito é quem realiza na Igreja todas as ações, rejuvenescendo-a e renovando-a constantemente. “Porque o Espírito e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: ‘Vem!’”! Assim a Igreja toda aparece como “um povo unido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.

- a missão primeira da Igreja é pregar a boa-nova da chegada do Reino, transformando sua ação em acontecimento do Reino. Este, como a semente lançada no campo, vai realizando por força própria a germinação, o crescimento até à colheita final;

- a LG substitui a linguagem metafísica pelas imagens significativas da Bíblia e dos Padres;

- a Igreja está peregrinando nessa terra, suspirando pelos bens celestes e as coisas do alto. Lá Cristo está sentado à direita do Pai e a Igreja está escondida com Ele, esperando o dia de aparecer na glória;

- como o corpo está unido à cabeça, a Igreja está continuamente unida a Cristo através dos sacramentos, o elo de união estável e indissolúvel. Toda ação sacramental é dinamizada pela alma da Igreja, que é o Espírito Santo unificador. Ele conduz a Igreja até que alcance a plenitude de Deus;

- o tema da luz continua na apresentação das virtudes teologais como fundamento da Igreja-comunidade e, ao mesmo tempo, da sociedade humana hierarquicamente organizada como comunidade ornada com os dons celestes. Ressalte-se aqui a analogia da Igreja com o Verbo encarnado, na qual a estrutura social da Igreja serve ao Espírito Santo;

- a Igreja assim organizada é a Igreja una, santa, católica e apostólica, conforme professamos no Credo. Após sua ressurreição, Jesus Cristo entregou e confiou a difusão e governo desta Igreja a Pedro e aos demais apóstolos. Esta Igreja, constituída e organizada neste mundo como sociedade subsiste na Igreja católica, que é governada pelo sucessor de Pedro e pelos Bispos em união com ele. Fora desta comunidade eclesial se encontram muitos elementos de santificação e de verdade.

- a Igreja não pode realizar sua missão na grandeza e sim na pobreza e na abnegação, seguindo o exemplo de Cristo: evangelizar os pobres... “Sara os contritos de coração, procurar e salvar o que perecera...”.

- comunidade de pessoas santas e pecadoras, a Igreja é chamada a exercitar continuamente a penitência e a renovação. Vivendo em meio as perseguições do mundo e as consolações de Deus, a Igreja é robustecida pela força do Senhor e do seu Espírito até que se manifeste em plena luz na casa do Pai.

3.1.2. SACRAMENTO DA COMUNHÃO DOS SERES HUMANOS

O tema do Povo Deus, sacramento de comunhão dos seres humanos com a Trindade e entre si traz uma luz nova e forte. Pela aliança que o Pai realiza em Cristo mediante o seu Espírito, esse povo é todo sacerdotal. Com esse Povo, o Pai fez uma nova e eterna aliança. O povo de Deus é um povo sacerdotal. É dele que sai, para servir, o sacerdócio ministerial. O sacerdócio comum desse povo é exercitado nos sacramentos. Esse povo vive da fé e dos carismas que o Espírito distribui. As características do Povo de Deus:

- ser um povo único, universal e católico, subsistindo na única Igreja católica que é necessária para a salvação. Possui vínculos com os cristãos não católicos, relacionando-se com os que não cristãos, pessoas religiosas ou de boa vontade;
- ser um povo missionário por essência, pois o projeto de Deus é salvar os seres humanos em comunidade;
- ser um povo com quem Deus faz aliança e o constitui luz para os demais povos. O povo de Israel é figura do que Deus realizaria em seu Filho, Verbo encarnado, em quem Deus estabeleceu a nova aliança, prometida anteriormente;
- com a morte-ressurreição-envio do Espírito uma nova e eterna aliança é instituída para todos: o Povo de Deus é formado de judeus e gentios. O sinal da circuncisão não passa mais pelo prepúcio e sim pelo coração;
- este povo será a raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo conquistado... Cristo é a cabeça e em seus corações, como num templo, habita o Espírito Santo. A lei fundamental deste povo é amar como Cristo amou;
- esse povo é um pequeno rebanho constituído germe de unidade, de esperança e de salvação; plena do Espírito de Cristo, a Igreja é dotada de todos os meios convenientes para a unidade visível e social. Ela sabe que, pela cruz, chegará à luz que não conhece ocaso;
- a Igreja deverá oferecer oblações espirituais e anunciar os louvores da Trindade anunciando os louvores daquele que das trevas os chamou à sua admirável luz;
- este povo-luz se efetiva na vivência sacramental. Os sacramentos são os meios de salvação que permite aos fiéis, qualquer que seja sua condição ou estado, atingir a perfeição para a qual o Senhor os chama e cada um por seu caminho;
- esse povo é profético, carismático e missionário, pois toda a humanidade é destinada a ser povo de Deus. Todas as pessoas são chamadas a esta unidade católica do Povo de Deus, que anuncia e promove a paz universal;
- a esta unidade pertencem, de vários modos, ou a ela se ordenam, quer os católicos, quer os outros que acreditam em Cristo quer, finalmente, todas as pessoas em geral. Com efeito, pela graça de Deus, ninguém se encontra fora do chamado à luz da salvação;
- é significativo o tratamento dos fiéis não católicos e dos judeus.

3.2. SERVIÇO

A segunda palavra em torno da qual quero ler a *Lumen Gentium* é *serviço*. O dicionário o caracteriza com estes conceitos: *serviço é desempenho de funções obrigatórias. É trabalho e duração do mesmo. É produto das necessidades do ser humano, destinado à satisfação de necessidades humanas, mas que não apresenta o aspecto de um bem material... Assim é o transporte, a educação, a saúde... Serviço é também a organização de certas instituições públicas ou privadas, encarregada de uma função particular.*

Enfim, à palavra *serviço* está ligada uma dimensão de obrigatoriedade, de realização pessoal e de gratuidade. Contudo, como tantas outras palavras, esse termo está desgastado. Os serviços públicos, e mesmo alguns particulares, encontram-se em situação lastimável...

Ficamos mais desanimados se utilizarmos o termo *ministério*, tradução latina de *serviço*... Termo usado para indicar o *serviço* prestado em algumas denominações religioso-evangélicas, *ministério* é pouco utilizado como *serviço* preciso na Igreja Católica. Utilizamos, sim, e muito, o termo *ministro*, que deveria ser o servidor por antonomásia. Pelo amor de Deus, não pensemos na conotação política deste termo, pois desanimaríamos. O *ministro* deveria ser servidor, e termina por servir-se das pessoas às quais deveriam servir.

Mas entre vós não deverá ser assim, já admoestou Jesus Cristo. O maior tem que servir, a exemplo do Filho do Homem que veio para servir e não para ser servido. O *serviço* é o denominador da Igreja. À época do Concílio ouvia-se frequentemente: por uma Igreja servidora e pobre... As primeiras Campanhas da Fraternidade insistiram sobejamente desta função da Igreja. O “*Servo de Javé*” é um dos temas teológicos mais fortes do profetismo. Isaías detalha esta dimensão nos Cânticos do *Servo de Javé*, textos quaresmais por antonomásia. O Novo Testamento capta essa força do Evangelho, a ponto de Paulo afirmar: fiz-me *servo* de todos para salvar a todos. Não poderíamos deixar de afirmar a força desta mensagem na Patrística. E porque não, na vida das Santas e dos Santos de todos os tempos. Os cristãos são chamados para servir a todas as necessidades das mulheres e homens do seu tempo. Para um mundo no qual tudo é pago, e bem pago, a gratuidade do *serviço* é o profetismo que não poderá faltar na Igreja.

Penso poder ler nesta linha do *serviço*-*ministério* os capítulos terceiro, [A constituição hierárquica da Igreja e em especial o episcopado], quarto [Os Leigos] e sexto [Os Religiosos]. Eis o espaço que *Lumen Gentium* dá à **dimensão ministerial-serviço do Povo de Deus. Formidável.**

3.2.1. UM SERVIÇO PRIMORDIAL: A HIERARQUIA

Gostaria de afirmar – sem querer magoar ninguém, pois agora encontro-me do outro lado – que o conceito de hierarquia da *Lumen Gentium* é uma inversão de uma figura geométri-

ca a qual estamos habituados... O povo de Deus, como um todo, passa da base ao topo. Ele é hegemônico.

O capítulo terceiro abre-se com um proêmio sobre o primado de Pedro, centro e princípio da hierarquia. A seguir trata do colégio dos doze e dos bispos, seus sucessores, que são o grande sacramento de Cristo. Relacionam-se mutuamente entre si e com sua cabeça, o Papa. Sendo sacramentos de Cristo, os bispos têm o tríplice múnus de ensinar, santificar e reger a grei que lhes foi confiada. Desta hierarquia, em graus diversos e com funções precisas, participam os presbíteros e os diáconos. Eis a síntese. Respiguemos alguns tópicos:

- o centro dinâmico e de coesão deste capítulo é a afirmação do primado de Pedro no Colégio Apostólico. A razão deste serviço é a salvação de todos os homens e mulheres;
- o primado de Pedro é uma instituição perpétua; a ele liga-se o serviço dos Bispos, sucessores dos Apóstolos. *Una cum Petru*, os bispos governam a casa de Deus vivo;
- escolhidos pelo mesmo Cristo, que conferiu a eles a missão de todas as pessoas seus discípulos pela pregação, santificação e governo. A partir de Pentecostes, com a luz do Espírito, a ação dos apóstolos e a de seus sucessores, reúne a Igreja Universal, tendo Cristo por pedra angular e cabeça de todo o corpo;
- o serviço dos bispos é transmitido em sucessão ininterrupta do múnus apostólico. Eles receberam, com os seus colaboradores os presbíteros e diáconos, o encargo da comunidade, presidindo em lugar de Deus ao rebanho de que são pastores como mestres da doutrina, sacerdotes do culto sagrado, ministros do governo;
- segundo a vontade explícita do Senhor, na Igreja permanecem o múnus confiado singularmente a Pedro e o múnus dos Apóstolos de apascentar a Igreja;
- o sagrado Concílio ensina que, por instituição divina, os Bispos sucedem aos Apóstolos como pastores da Igreja;
- na ação pastoral, os bispos são assistidos pelos presbíteros, ministros de Cristo e dispensadores dos mistérios de Deus, tendo-lhes sido confiado o testemunho do Evangelho da graça de Deus e a administração do Espírito e da justiça em glória
- a unidade colegial do Papa com os bispos existe desde a escolha dos Apóstolos tendo Pedro como seu chefe. Essa ação colegial é atestada por toda a tradição da Igreja, bem como o seu costume de agir mediante os Concílios ecumênicos, pela praxe de indicação de um novo bispo. A constituição de um novo membro do corpo episcopal dá-se em virtude da sagração episcopal e pela comunhão hierárquica com a cabeça e os membros do colégio.
- o Papa, sucessor de Pedro, é a cabeça do colégio episcopal e tem o poder sobre todos, tanto pastores quanto fiéis. Ele, em virtude do seu cargo de vigário de Cristo e pastor de toda a Igreja, tem nela pleno, supremo e universal poder que pode sempre exercer livremente.

- a Ordem dos Bispos, juntamente com o Romano Pontífice, sua cabeça, e nunca sem ele, é também sujeito do supremo e pleno poder sobre toda a Igreja, poder este que não se pode exercer senão com o consentimento do Romano Pontífice. Só Pedro foi constituído como pedra e calvário da Igreja; contudo, o encargo de ligar e desligar, conferido a ele, foi também atribuído ao colégio dos Apóstolos unido à sua cabeça.

- o Concílio Ecumênico é o exercício solene do poder universal do colégio dos Bispos, com o Papa, sobre toda a Igreja;

- o Papa é o perpétuo fundamento das Igrejas particulares. Os bispos são seu princípio visível de unidade. Cada Igreja particular é formada à imagem da Igreja universal;

- enquanto membro do colégio episcopal e legítimo sucessor dos Apóstolos, o Bispo está obrigado, por instituição e preceito de Cristo, à solicitude sobre toda a Igreja;

- em seu serviço pastoral, o bispo deve privilegiar os membros pobres, sofredores e que padecem perseguição por amor da justiça. Governando bem a própria igreja como porção da Igreja universal, o bispo concorre eficazmente para o bem de todo o Corpo místico, que é também o corpo das igrejas;

- a missão canônica de cada bispo está diretamente ligada à comunhão apostólica e deve estar sempre em comunhão com o Papa, junto com o qual se torna testemunha da verdade divina e católica;

- o mais preeminente deste magistério é o do Romano Pontífice, mesmo quando não fala *ex cathedra*. Desta prerrogativa gozam também os bispos, quando, unidos entre si e com o papa, ensinam verdades autênticas de fé e de costumes;

- o Concílio Ecumênico é a expressão máxima do magistério do papa e dos bispos. O Concílio os constitui em doutores e juizes da fé e dos costumes de toda a Igreja. Seu ensinamento e definições devem ser acatados por todo o povo de Deus;

- o Romano Pontífice, em razão do seu ofício de cabeça do colégio episcopal, é infalível sempre que, como supremo pastor dos fiéis cristãos, aos quais deve confirmar na fé, define alguma doutrina em matéria de fé ou costumes. As suas definições dizem-se irreformáveis por si mesmas e não pelo consenso da Igreja, pois foram pronunciadas sob a assistência do Espírito Santo, que lhe foi prometida na pessoa de São Pedro;

- a infalibilidade prometida à Igreja reside também no colégio episcopal, quando este exerce o supremo magistério em união com o sucessor de Pedro;

- os bispos governam as igrejas locais como servidores e guardas. Devem lembrar-se de que aquele que é maior se deve fazer como o menor, e o que preside como aquele que serve. Responsáveis pela ação pastoral, os bispos governam com e sob a vigilância da autoridade

suprema, cientes de que o Espírito Santo conserva indefectivelmente a forma de governo estabelecida por Cristo na sua Igreja;

- o sacramento da ordem, por determinação do mesmo Cristo e a ação do Espírito Santo, é vivido em grau diverso por diversos sujeitos na Igreja. Desde a antiguidade encontramos, pois, bispos, presbíteros e diáconos;

- os presbíteros dependem dos bispos no exercício de sua missão, mas pelo sacramento da Ordem são consagrados para pregar o Evangelho, apascentar os fiéis e celebrar o culto divino como verdadeiros sacerdotes do Novo Testamento. Sua missão atinge seu cume na celebração da eucaristia;

- os diáconos receberam o sacramento da ordem em função do serviço ao Povo de Deus em união com os bispos e os presbíteros. É seu ministério administrar solenemente o Batismo, guardar e distribuir a Eucaristia, assistir e abençoar o Matrimônio em nome da Igreja, levar o viático aos moribundos, ler aos fiéis a Sagrada Escritura, instruir e exortar o povo, presidir ao culto e à oração dos fiéis, administrar os sacramentais, dirigir os ritos do funeral e da sepultura... Consagrados aos ofícios da caridade e da administração, lembrem-se os diáconos da recomendação de São Policarpo: “misericordiosos, diligentes, caminhando na verdade do Senhor, que se fez servo de todos”.

3.2.2. Um serviço difuso e profuso: os leigos e as leigas

- os leigos e as leigas não pertencem à hierarquia, e formam a unidade do povo de Deus na diversidade de seus dons e carismas;

- eles têm a missão de consagrar o mundo por dentro, pelo próprio apostolado e por sua peculiar relação com a hierarquia;

- com seu modo específico de viver, os leigos e as leigas colaboram diretamente com os pastores para o bem do Povo de Deus;

- peculiar dos leigos e das leigas é característica secular, ordenando as realidades do mundo para Deus;

- como fermento na massa, os leigos e as leigas concorrem para a própria santificação vivendo dentro de todas as realidades terrenas;

- os leigos e as leigas transformam toda sua vida e ação em sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo, consagrando destarte, o próprio mundo;

- pela virtude da esperança, transformam o mundo no qual se encontram segundo aquele que aguardam pela fé e dinamizam pelo amor;

- sua vida tem uma só missão: permitir que Cristo ilumine cada vez mais a humanidade inteira com sua luz salvadora, sendo testemunhas da ressurreição, da vinda do Senhor e sinal do Deus vivo. Leigos e leigas são a alma do mundo (Diogneto 8).

3.2.3. UM SERVIÇO ESPECIALIZADO: RELIGIOSAS E RELIGIOSOS

Religiosos e religiosas constituem o capítulo sexto. Os conselhos evangélicos professados em votos formam o estado religioso que tem como finalidade precípua o serviço divino pelo testemunho de vida. Os religiosos e as religiosas normalmente vivem em comunidades dirigidas por suas regras e constituições. Embora tendo uma forma peculiar de viver, eles se relacionam com seus pastores, pois fazem parte integrante de uma igreja local. Devem se destacar pela pureza no serviço do mundo, sendo instados a perseverar na santidade.

Entre os dados mais importantes frisados pelo capítulo, citam-se:

- a afirmação dos conselhos evangélicos como dom divino recebido do Senhor e conservados com carinho e zelo pela Igreja. Não é estado intermediário entre laicado e hierarquia, uma vez que de ambos são chamadas pessoas para se consagrarem com votos ao Senhor;
- os votos colocam os cristãos e cristãs que os professam em um novo e especial serviço de Deus e das irmãs e irmãos. Transformam as pessoas que os emitem em sinal para que os demais membros da Igreja vivam a própria vocação.
- é a Igreja quem regula a vida consagrada e aprova e assiste as suas constituições ou regras; a fidelidade ao bispo da Igreja particular na qual se encontra a comunidade religiosa é sinal de acolhida e proteção da mesma Igreja.
- a vida religiosa exige renúncias de bens de grande valor, mas não impede o verdadeiro desenvolvimento das pessoas e sim o potencia;
- a vida religiosa plenamente vivida, mediante a sua perseverança e humilde fidelidade é um serviço inestimável à comunidade cristã;
- a perseverança na vocação aperfeiçoa a santidade da Igreja e glorifica a una e indivisível Trindade que, em Cristo e por Cristo, é a fonte e a origem de toda a santidade.

4. SALVAÇÃO

É outro termo de riqueza inigualável na Escritura. O Deus de Israel apresenta-se como o Salvador. Na Bíblia, salvar é o ato de abaixar-se, descer até a pessoa que está caída por terra e erguê-la, tratar dela e fazê-la caminhar com suas próprias pernas. Além dos textos do Antigo Testamento, máxime dos profetas, no Novo Testamento esse tema aparece constantemente. Já

no cântico de Simeão, Jesus é apresentado com Salvador. Na narração da parábola do homem que tombara em mãos dos bandidos, Jesus se autoapresenta como Salvador. E ao morrer na Cruz, suas palavras são a confirmação daquilo que Deus quer ser para a humanidade: hoje estarás comigo no Paraíso. O Novo Testamento, entre tantas afirmações, apresenta o nome de Jesus como a salvação que é dada a todos.

O tema salvação eu o vejo nos capítulos quinto [a vocação de todos à santidade na Igreja], sétimo [a índole escatológica da Igreja peregrina e a sua união com a Igreja celeste] e oitavo [a bem-aventurada virgem Maria Mãe de Deus no mistério de Cristo e da Igreja].

4.1. UMA SALVAÇÃO COMO VOCAÇÃO-TAREFA

A santidade é a vocação única de todos os homens e mulheres. A pessoa estavelmente santa já está em processo de salvação adiantada... se é que assim podemos dizer. No fundo, santidade é unir-se a Deus. Santidade é um dom e uma vocação.

O centro do capítulo quinto é a vocação à santidade de todos os homens e mulheres. Este chamado é universal a partir do único mestre e modelo que é Jesus Cristo. Esta santidade pode e deve ser vivida nos diversos estados de vida que compõem o Povo de Deus. Ela atinge o seu ápice no martírio, quando uma pessoa dá a própria vida por Jesus Cristo, pelo seu Evangelho, pela sua Igreja. O testemunho de Cristo é a razão de ser dos conselhos evangélicos e deve ser vivido no estado de vida de cada pessoa. Façamos um aceno a alguns tópicos.

- a santidade é um dom único em Cristo, é vontade de Deus. Na Igreja ela aparece, de modo muito explícito nos conselhos evangélicos, vividos por pessoas que são chamadas a uma santidade feito testemunho de vida;
- a santidade é ordem explícita de Jesus: ser perfeito como o Pai é perfeito e se sintetiza no mandamento do amor. Toda a santidade começa na vocação batismal vivida na fé. Os frutos da santidade aparecem na vida concreta e são benéficos a toda a sociedade;
- santidade é abertura ao sopro do Espírito e pode ser vivida em todos os gêneros de vida, mas é missão primordial da hierarquia... Todas as pessoas, contudo, cada qual em seu estado peculiar, são chamadas à santidade pela participação no amor com o qual Cristo amou a sua Igreja e por ela se entregou;
- as virtudes teologais sustentam a caminhada de santidade e atingem o seu ápice no martírio. São provas de santidade o celibato e a virgindade vividos pelo Reino dos Céus e no estado de vida em que são consagrados... também a pobreza e a obediência manifestam a vocação à santidade.

4.2. UMA SALVAÇÃO JÁ INICIADA, AINDA NÃO CONSUMADA, MAS VIVIDA PELAS PESSOAS QUE JÁ VIVEM DEFINITIVAMENTE EM CRISTO

Não temos nesta terra morada permanente, mas buscamos a eterna e futura. Esta frase do Novo Testamento sintetiza o capítulo sétimo: o caráter escatológico de nossa vocação. Destarte a Igreja, que ainda peregrina na fé e na esperança, está unida no amor à Igreja do céu. Esta união se expressa nas orações que se fazem constantemente pelos irmãos e pelas irmãs falecidos, no culto às santas e santos, no amor que expressamos e na Liturgia da qual participamos. Vamos acentuar a seguir:

- só no céu se dará a realização plena da Igreja. Ela já começou em Cristo, é continuada pela ação do Espírito e se consumará na glória eterna do Pai;
- esta dimensão trinitária sustenta a caminhada do Povo de Deus, certo que está, na esperança, da salvação que lhe será dada um dia no céu;
- enquanto peregrinamos, as cristãs e os cristãos vivem na esperança esta certeza de transformação plena de seus corpos e de todo o universo;
- a espera não é só: temos a companhia da Igreja do céu. Sabemos que não interrompemos nossa comunhão com os que já morreram na paz do Senhor. Ao contrário, potenciamos nossa comunhão com a participação dos bens eternos.
- a celebração das pessoas que morreram no Senhor é conservada, na Igreja, desde a Antiguidade. As pessoas que já morreram, cuja vida foi fiel a Cristo, são um motivo para que os que ainda vivem na esperança continuem buscando a cidade futura. Nos justos e justas Deus revela-nos constantemente a sua face.
- a celebração do sacrifício eucarístico no une, no mais alto grau, ao culto da Igreja celeste, comungando e venerando a memória, primeiramente da gloriosa sempre Virgem Maria, de S. José, dos santos Apóstolos e mártires e de todos os santos e santas;
- há uma união vital da Igreja peregrina com os irmãos e irmãs que já estão na glória e os que ainda se purificam. Unidos aos santos e santas num culto verdadeiro à Trindade, antecipamos o culto eterno da glória celeste. Quando Cristo aparecer na glória, candelabro da cidade celeste, proclamaremos numa só voz: “louvor, honra, glória e poderio, pelos séculos dos séculos, Aquele que está sentado no trono, e ao Cordeiro”.

4.3. MARIA, ÍCONE DA SALVAÇÃO DEFINITIVA

O capítulo oitavo, por vontade explícita do Concílio, está colocado dentro da *Lumen Gentium*. Alguns elementos são sublinhados:

- A bem-aventurada Virgem Maria Mãe de Deus, no mistério de Cristo e da Igreja.
- Por vontade explícita do Concílio, o tema referente à Virgem Maria foi integrado na *Lumen Gentium*, constituindo-se no seu oitavo capítulo.
- Suas subdivisões fazem parte explícita do capítulo.
- Um proêmio que trata de Maria Mãe de Cristo e da Igreja, declara a intenção do Concílio.
- Tratando da presença de Maria na economia da salvação, LG faz uma leitura bíblico-ecclesial da preparação da Mãe do Redentor no Antigo Testamento e a sua figura no Novo: anunciação, infância de Jesus, sua vida pública, sua paixão e sua presença no meio da Igreja após a Ascensão.
- A partir de então, a Virgem Santíssima é membro eminente da Igreja do seu Filho.
- Por sua maternidade espiritual ela exerce um influxo salutar na Igreja, repetindo sempre aos seus filhos e filhas que façam tudo o que o seu Filho mandar. Maria é, pois tipo da Igreja como Virgem e Mãe, gerando sempre novos filhos e filhas para a Igreja e oferecendo a todos o exemplo de suas virtudes para que sejam imitadas.
- Excelsa Mãe de Jesus Cristo, a Virgem Maria é venerada com um culto de especial devoção pelos fiéis de todos os tempos. Por isso o Concílio exorta para que a pregação e o culto de Nossa Senhora sejam feitos com a linguagem bíblica e a da sadia tradição da Igreja.
- Destarte Maria é sinal de esperança e de consolação para os membros da Igreja peregrina, enquanto se faz medianeira para a unidade da Igreja do seu Filho.

5. PERSPECTIVAS E ESPERANÇAS

Olhando o Documento *Lumen Gentium* como um todo, embora detalhado por três temas precisos – luz, serviço e salvação – podemos afirmar: *a Igreja, sinal elevado em meio às nações, é sacramento de Cristo*. Ainda hoje, como outrora os gregos a Filipe, as pessoas ainda pedem aos cristãos: queremos ver o Cristo. Esclarecendo sua missão de luz-serviço-salvação, a Igreja tem maiores condições de anunciar Jesus Cristo em plenitude. Eis alguns dados que jamais poderão ser esquecidos... Perdoem-me a ousadia do advérbio *jamais!*

1º) Igreja é uma comunhão de caridade, a saber, uma rede interligada de pessoas em relação amorosa com Deus e com as demais pessoas;

2º) Ela é uma expressão da graça de Deus e na qual todos os seus membros participam do serviço da vida;

3º) Os fiéis que formam a Igreja constituem o Povo de Deus. Portanto, o clero, os leigos e os religiosos pertencem à mesma comunidade de fé, esperança e amor. São fundamentalmente iguais. Não há dois níveis de adesão à Igreja e portanto não se justificam grupos separados ou considerados mais que os outros...

4º) .O Povo de Deus como um todo é responsável pela vida e crescimento da Igreja;

5º) A colegialidade dos bispos e sua comunhão com o Papa demonstram o inestimável e insubstituível serviço no múnus de ensinar, santificar e governar a Igreja;

6º) Farol levantado entre as nações, a comunidade eclesial é fermento de um mundo novo pela comunhão que é chamada a criar entre as demais religiões cristãs, as religiões do mundo e as pessoas de boa vontade.

Concluindo estas perspectivas, pode-se afirmar que a *Lumen Gentium*, como documento síntese do Vaticano II, representa a janela aberta para o mundo, pronta para deixar entrar o “ar fresco”, conforme a expressão de João XXIII a um jornalista que lhe perguntava o que esperava do Concílio.

6. ESPERANÇAS

A esperança sustenta a pessoa em vida. Quando deixamos de esperar, deixamos também de viver. Detalho aqui algumas esperanças que podem ser suscitadas pela *Lumen Gentium*. Conhecedores que são da Constituição, vocês podem discordar e acrescentar outras... O mais importante é que vivamos esta constituição, qualquer que seja o lugar da caminhada eclesial que ocupamos.

6.1. DESAFIOS QUE SE TRANSFORMAM EM ESPERANÇAS

Quase cinquenta anos se passaram desde a publicação do documento sobre a Igreja. Faço, sem pretensões de ser absoluto, algumas reflexões sobre certos desafios que podem vir à mente de quem o lê pela primeira vez ou o relê mais uma vez...

6.1.1. COMPREENSÃO DO ESPÍRITO QUE GEROU A LG

O Concílio foi convocado no final dos anos 1950 e realizado nos inícios da década de 1960. O mundo de então estava vivendo um momento mágico de sua história... Nem parece que foi

somente há cinquenta anos! João XXIII sucede no pontificado a Pio XII. Não foi somente troca de pessoas, foi uma verdadeira “revolução eclesial”.

Muito já se escreveu a respeito. Conduzidos por dois hábeis “mestres de obra”, João XXIII e Paulo VI, sucessivamente, mais de 2000 operários trabalharam laboriosamente durante quatro períodos de mais ou menos três meses. Rasparam as pesadas paredes da Igreja cobertas por tintas carregadas e de cores muitas vezes aberrantes. Fizeram, então, a descoberta de um “afresco” bíblico-patristico mostrando a Igreja original. A Igreja como foi vista em “figura” no Antigo Testamento, como foi realizada pela missão terrena de Jesus Cristo e foi vivida sob a moção do Espírito durante os primeiros séculos da história. Essa Igreja que está destinada a consumir-se na glória, quando Deus for tudo em todos.

Sem a compreensão desse espírito idealizador, os documentos conciliares, máxime a *Lumen Gentium*, não passarão de um repertório de citações colocadas entre aspas.

6.1.2. A NECESSIDADE DE DESCOBRIR O “ROSTO DE CRISTO NO ROSTO DA IGREJA”¹

Ao iniciar as reflexões sobre a *Lumen Gentium*, falamos da preocupação dos bispos alemães no começo do Concílio: a dimensão eminentemente teológica, isto é, repropor Deus ao mundo. Mas Deus tem uma face concreta, visível, humana: Jesus Cristo. As pessoas querem encontrar Jesus Cristo. “Mostra-nos o Cristo”, pediram os gregos ao apóstolo Felipe (Jo 12,21). “Mostra-nos o Pai”, pediram os discípulos a Jesus na voz do mesmo Felipe (Jo 14,6). “Quem me vê, vê o Pai”, é a resposta de Jesus. Ele é a luz que ilumina o caminho para o Pai.

Repropor Jesus Cristo, a “luz dos povos”. Lindamente essas foram as primeiras palavras da *Lumen Gentium*: “A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15)”. Este é o grande, o imenso desafio, “repropor” o Cristo da Igreja, isto é, Jesus Cristo do Novo Testamento, Jesus Cristo dos mártires, Jesus Cristo das primeiras reflexões dos Padres, Jesus Cristo da sadia teologia, Jesus Cristo dos sacramentos... Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre (Hb 13,8). “A Igreja, à qual foi confiada a sublime missão de tornar presente e de revelar o rosto de Jesus Cristo aos homens e mulheres, não é constituída somente pelas suas estruturas, mas também por todos os membros do Povo de Deus. Mediante a Encarnação, Ele uniu-se de certo modo a cada ser humano, mas está presente de maneira totalmente particular em cada um dos fiéis. Trata-se de uma presença tão íntima e profunda, que se pode manifestar em termos de identificação”.²

1 O título é o de uma conferência do Cardeal JOSÉ SARAIVA MARTINS, apud http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/csaints/documents/rc_con_csaints_doc_20021210_martins-rosto-de-cristo_po.html

2 Idem.

Enfim, repropor Cristo com os testemunhos e os fatos. A este propósito, são sempre atuais as palavras do Papa Paulo VI: “O homem contemporâneo escuta de melhor boa vontade as testemunhas dos que os mestres, e se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”.³

6.1.3. A EXPLICITAÇÃO DO SENTIDO E EXTENSÃO DO COLÉGIO EPISCOPAL

Teológica e, pastoralmente falando, um dos grandes desafios do pós-concílio tem sido a interpretação e vivência da colegialidade e do colégio episcopal. Sim, a Igreja foi fundada sobre Pedro (pedra) à frente dos Doze como um colégio, um grupo estável, uma ordem, um corpo organizado. Jesus instituiu esses apóstolos “à maneira de colégio ou grupo estável, ao qual prepos Pedro escolhido entre os mesmos. Há, pois, na Igreja uma colegialidade estrita e plena que é o corpo apostólico como sujeito do supremo e pleno poder sobre toda a Igreja, poder este que não se pode exercer senão com o consentimento do Romano Pontífice. Existe ainda uma atividade colegial expressada com os termos “solicitude de todas as Igrejas” e “união colegial” e “espírito colegial”. Esta última “atividade colegial”, embora não seja plena é também atividade de verdadeira colegialidade e por isso tem um teor teológico e consistente”.

Membro do colégio episcopal, o bispo é a cabeça de uma Igreja local, conservando-se em comunhão com os demais bispos e com o sucessor de Pedro. O episcopado, para o Concílio, não pode ser corretamente compreendido fora da articulação entre a Igreja local e a comunhão universal das Igrejas, das quais ele é o elemento de ligação. O Concílio afirma ainda que os bispos são sucessores dos apóstolos. Mais: a “colegialidade” dos Doze é transmitida aos seus sucessores; por último, menciona as conferências episcopais.

Para fundamentar a doutrina sobre a colegialidade episcopal, o Concílio apresenta quatro fatos que testemunham em seu favor: 1º) a existência documentada pelo Novo Testamento de um “colégio apostólico” tendo Pedro como chefe; 2º) a antiga disciplina da *communio* entre as Igrejas locais e os respectivos bispos; 3º) a celebração dos concílios, especialmente os ecumênicos; 4º) a praxe de consagrar os bispos colegialmente.

A colegialidade goza, pois, de duas raízes: uma sacramental e outra jurídica. A raiz sacramental ressalta que a ordenação “de modo algum se refere só ao indivíduo como indivíduo, mas é, conforme sua natureza, inserção num todo, numa unidade de ministério, pelo que é essencial vencer o individualismo e participar numa tarefa comum”; a raiz jurídica, por seu turno, “não aparece como acréscimo exterior ao sacramento da ordem, mas como seu desenvolvimento conatural”, pelo qual chega ao seu sentido pleno. Devolveu-se ao sacramento a prioridade em relação à jurisdição: “A consagração sacramental tem valor de causa eficiente,

.....

3 PAULO VI, Discurso aos membros do *Consilium de Laicis*, 02 de Outubro de 1974; in AAS 66 (1974), 568 (apud Saraiva Martins, cf nota 7).

enquanto a comunhão hierárquica tem valor de condição indispensável para que a consagração possa operar a plena sucessão apostólica”.⁴

O colégio episcopal, que sucede ao colégio apostólico nas tarefas de ensino, santificação e guia, em união com o papa, seu chefe, e jamais sem ele, é sujeito do supremo e pleno poder sobre a Igreja universal. Não são dois poderes distintos; distintos são somente os dois sujeitos que o possuem em toda a sua extensão e intensidade: um sujeito singular, que é o sucessor de São Pedro, e um sujeito colegial, que é o corpo episcopal inteiro. “Nenhum é superior ao outro, pois entre os dois há uma distinção inadequada, e nenhum dos dois pode compreender-se sem o outro. De fato, quando os bispos agem colegialmente, fazem-no sempre com o papa, e quando o papa age individualmente, fá-lo enquanto cabeça do colégio e sua expressão”.⁵

6.1.4. IGREJAS LOCAIS E IGREJA UNIVERSAL

Um dos ganhos maiores da volta às fontes realizada pelo Concílio é a redescoberta da teologia da Igreja local. É nela que acontece a plena e ativa participação de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, máxime na eucaristia, numa única oração, junto a um só altar, presidido pelo bispo, cercado de seu presbitério e ministros”. Estamos aqui em plena eclesiologia “sinfônica” de Santo Inácio de Antioquia em suas cartas.⁶ O tema da Igreja local é apresentado pela *Lumen Gentium* em quatro números e em diferentes contextos.⁷ A LG 13 fala das Igrejas particulares, isto é, das igrejas com as suas próprias tradições, seus ministérios e carismas que precisam ser valorizados para a harmonia da Igreja Universal. LG 23 amplia o conceito. “Os bispos individualmente são o visível princípio e fundamento da unidade em suas Igrejas particulares, formadas à imagem da Igreja universal, nas quais e pelas quais existe a uma e única Igreja católica”. Estas Igrejas, presididas pelo seu bispo, têm a missão de santificar, ensinar e governar. Nelas está presente Cristo, cujo corpo e sangue comungamos. Nela os fiéis se transformam naquele que recebem. É nela que os bispos relacionam-se profundamente com os presbíteros. Eles congregam a família de Deus numa fraternidade que conduz à unidade. São eles que tornam presente, de certo modo, o seu bispo, bem como a própria Igreja Universal.

“O Concílio recupera, assim, um dado fundamental do cristianismo primitivo, para o qual o primeiro significado da palavra *ecclesia*, (na maioria das vezes, o de primeiro plano) se refere à Igreja local. Em outras palavras: a Igreja realiza-se num lugar em cada uma das suas Igrejas locais; estas não são simplesmente partes de um corpo maior administrativo; cada uma delas

4 ALMEIDA, A.J., artigo citado.

5 Idem.

6 Inácio de Antioquia, Aos Magnésios 7; Aos Filadelfos 4; Aos Esmirnenses 8: FUNK, cit., pp. 236,166, 281.

7 Cf *Lumen Gentium*, nn. 13, 23, 26 e 28.

contém o todo da realidade “Igreja”. [...] A Igreja de Deus una, que existe, consta das Igrejas particulares, cada uma das quais representa o todo da Igreja”.⁸

6.1.5. APROFUNDAMENTO TRINITÁRIO E PNEUMATOLÓGICO

O primeiro capítulo da *Lumen Gentium* trata da Igreja como sacramento da Trindade. Ela é ícone da Trindade.⁹ Com efeito, na Trindade está a origem, o modelo e a meta da sociedade humana. Mais ainda. A Trindade é o regaço transcendente que envolve o mundo. Ela é a luz irradiante. Se a *Lumen Gentium* é o documento chave para se compreender o Vaticano II, o capítulo I é a síntese desta inteligência. Ele afirma em seus números que a Igreja vem da Trindade, estrutura-se à imagem da Trindade, caminha para o seu acabamento trinitário pela força do Espírito Santo.

A Trindade responde às questões fundamentais sobre de onde vem a Igreja, o que ela é e para onde vai.

Por sua libérrima vontade, o Pai (LG 2) criou por amor. Após a falta de nossos primeiros pais, ele não abandonou a humanidade. Num gesto supremo de amor e por causa do Verbo, por cuja Palavra ele tudo criou, foi escolhido Abraão para ser o início de uma nova humanidade na fé. Este povo novo prefigura a Igreja que será fundada no sangue de seu Filho e constituída como sinal e sacramento de salvação de todos, do justo Abel ao último eleito. Esta é a origem da Igreja.

Mas a Igreja existe em Cristo e a partir de Cristo (LG 3). Jesus Cristo cumpre esse desígnio do Pai, dando início na terra ao Reino dos Céus e revelando o seu mistério e realizando a redenção. Sua ação continua na Igreja que presencializa na história a salvação até à consumação. Todas as pessoas, de todos os tempos, são chamadas a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual viemos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos.

Este caminho é guiado pela força do Espírito Santo (LG 4), Senhor e fonte de vida e condição para se produzir frutos em Cristo. O Espírito Santo é a última determinação da Igreja. A Igreja não existe por si mesma, mas deve ser o instrumento de Deus, para reunir todas as pessoas nele e preparar o momento em que “Deus será tudo em todos”. Sem o Espírito Santo o mundo da Igreja se transforma um deserto e a sua ação torna-se uma luta pelo poder, pela supremacia e todas as manifestações de maldade... A ação do Espírito Santo faz da Igreja a grei, o regaço, o redil que acolhe todos os que creem em Cristo ou que de alguma forma se relacionam com Ele e estão destinados a Ele. Com sua ação o Reino vai acontecendo e se estendendo a todos os povos e nações.

8 ALMEIDA, A.J., artigo citado.

9 É o feliz título de um livro de Bruno Forte, traduzido e publicado pelas Edições Loyola (segunda edição em 2005).

A dimensão trinitária da Igreja trouxe consequências fundamentais. A primeira foi, sem dúvida, a recuperação bíblico-patristica de sua consciência. Supera-se a eclesiologia jurídica, de cunho gregoriano, por uma eclesiologia de comunhão. Recupera-se a relação com o Reino de Deus e a dimensão de serviço ao mundo. Duas são as consequências desta visão:

1ª) *Superação da eclesiologia jurídica*: a Igreja passa a ser compreendida a partir de Deus, na sua dimensão vertical. Ela é o instrumento de Deus no mundo, local da proclamação da boa nova do Reino de Deus, evangelizando todos os povos e nações.

2ª) *Uma nova relação da Igreja com o Reino de Deus e com o mundo*: A Igreja não se identifica com o Reino. Dele se faz sinal e instrumento. Esta única e verdadeira Igreja subsiste na Igreja Católica, que é governada pelo sucessor de Pedro com os bispos em comunhão com ele. Contudo, fora do corpo da Igreja se encontrem elementos de santificação e de verdade (cf LG 8).¹⁰

7. UMA CONCLUSÃO QUE É NOVO DESAFIO

“Apareceu no céu um grande sinal: uma Mulher vestida com o sol, tendo a luz debaixo dos pés, e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1). Este majestoso texto do Apocalipse foi interpretado em chave eclesiológica pelos Padres da Igreja, principalmente por Orígenes. A mulher revestida de sol é a Igreja iluminada por Cristo que é a única luz dos povos. A vontade explícita do Concílio foi a de iluminar com a luz de Cristo, pela ação sacramental da Igreja, todos os povos, anunciando-lhes o Evangelho. Para tanto, mister se fazia pôr de manifesto, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal (cf LG 1).

Ao fazer esta pequena apresentação da Igreja era meu propósito redescobrir um pouco de sua riqueza. Por mais frágeis e pequenas que sejam as estruturas visíveis da Igreja, elas são o sacramento de um dom inestimável da Trindade. A Família divina quis habitar na terra, na revelação do Verbo-Filho, pela ação do seu Espírito criador-renovador. E o Deus-família construiu a Igreja como a casa dos seus filhos e filhas, irmãos e irmãs do Verbo que se fez carne e veio habitar no meio da humanidade.

Os 69 artigos da *Lumen Gentium* e seus 8 capítulos foram frutos de um longo e frutuoso debate. A discussão na aula conciliar mostrou o sopro do Espírito “renovando o ar que circulava na Igreja”. Abriu-se de novo uma janela, há tempo entreaberta, ou quiçá mesmo fechada. O horizonte que se descortinou foi muito rico. Com os olhos já habituados à Luz, os cristãos redescobriram o projeto que Deus tinha para com a humanidade: salvar todas as pessoas e renovar todas as coisas em Cristo. Todas as pessoas são vocacionadas à Igreja, independente-

.....

10 Os parágrafos finais foram inspirados em Hackmann, Geraldo Luiz Borges, A Igreja da Lumen Gentium e a Igreja da Gaudium et Spes, in: http://docs.google.com/viewer?a=v&q=cache:YFOYLrKZ2pQJ:revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/1713/1246+A+IGREJA+DA+LUMEN+GENTIUM+E+A+IGREJA+DA+GAUDIUM+ET+SPE&hl=ptBR&gl=br&pid=bl&srcid=ADGEESHxivF5V3aVNdYojX7CKoWfGaPPTS6fFaFfe_0zstu6JUkahKtAKzkSkUcQrQFAEq5yzw8Xvg6S-51SONY7SqweRk03cjdQvWtxlykjewxQwaQan1WNLUKM943kzPkF9tC3Rx&sig=AHIEtbTPaZJNUvbxX-NHx8Rk5D-tYqdY3g

mente de sua crença... É preciso que se lhes pregue o Evangelho, primeiro com o testemunho e depois com a palavra. Redescobrimos que somos caminhantes. Antes de nós, contudo, muitíssimos irmãos e irmãs já cumpriram a própria missão e já participam da glória dos eleitos e eleitas junto do Cordeiro, mas não nos abandonaram. Podemos e devemos unir-nos a eles/elas pela veneração e mesmo a prece confiante. São nossos exemplos e podem ser nossos intercessores/intercessoras. Caminhando com esta humanidade, a humilde serva torna-se um “grande-sinal”, a mulher-Igreja, pois recebeu Jesus em seu seio e o gerou para nós. Da Igreja do seu Filho ela se torna tipo, modelo, intercessora. Caminhando na fé, somos hoje o que foi Maria na sua vida terrena. Caminhamos na esperança de ser um dia como ela é hoje na glória.

Quero concluir esta pequena apresentação com um trecho de Ambrósio de Milão que mostra a grandeza da Igreja e a beleza da graça de nela permanecer: “Assim, pois, estai firmes no terreno do vosso coração!... O que significa estar, o apóstolo nos ensinou, Moisés o escreveu: ‘O lugar em que estás é terra santa’. Ninguém está, senão aquele que está firme na fé... e mais uma palavra está escrita: ‘Tu, porém, está firme comigo’. Tu estás firme comigo se estás na Igreja. A Igreja é a terra santa, na qual devemos estar... Está pois firme, e na Igreja. Está firme ali, onde eu quero aparecer a ti, ali permaneço junto a ti. Onde está a Igreja, lá é o lugar firme do teu coração. Sobre a Igreja se apoiam os fundamentos da tua alma. De fato, na Igreja eu te apareci como outrora na sarça ardente. A sarça és tu, eu sou o fogo. Fogo na sarça eu sou na tua carne. Fogo eu sou, para iluminar-te; para queimar as espinhas dos teus pecados, para dar-te o favor da minha graça”.¹¹

Recebido: 14/12/2012
Aprovado: 07/02/2013

11

.....
Texto citado por Joseph Ratzinger, A eclesiologia da Constituição *Lumen Gentium*: cf nota 6.